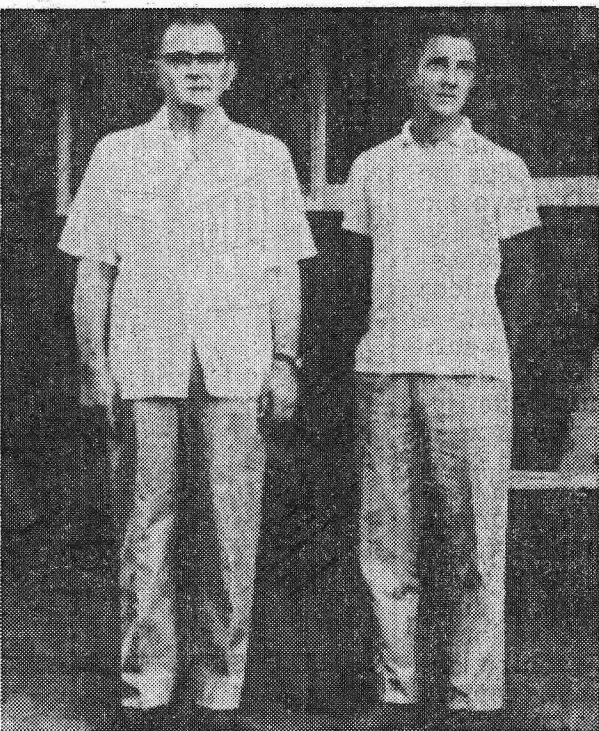




Aos 16 anos, com o pai, Arnon (E), em visita à periferia de Maceió, como prefeito (C) e em campanha para deputado: uma carreira de vitórias

## Um fenômeno precoce

LUCIANO SUASSUNA e  
ROBERTO STEFANELLI

Em 1969, quando era estudante de economia na Universidade de Brasília, o filho do senador Arnon de Mello, Fernando Collor de Mello, resolveu falar dos seus projetos pessoais, para quando se formasse, com um dos seus professores — o atual deputado federal Paes Landim (PFL-PI). “Eu quero seguir a carreira política de meu pai”, revelou o aluno tímido, que raramente dava opiniões sobre política dentro da sala de aula. “Vou ser prefeito de Maceió, deputado federal, governador de Alagoas e, se der, quero ser presidente da República.”

A frase impressionou o professor. “Garoto sonhador”, brincou Landim. “Mas filhinho de papai pode sonhar”, reforçou. O filho do senador virou prefeito indicado de Maceió, dez anos depois, e deputado federal pelo PDS, em 1982. Tornou-se governador de Alagoas pelo PMDB há três anos e hoje, no PRN, aos 39 anos, lidera folgadoamente, de acordo com as pesquisas de opinião, a corrida ao Palácio do Planalto. O garoto sonhador provou ser um fenômeno precoce na política.

Os companheiros de tatame do carateca Fernando Collor guardam dele a lembrança de uma pessoa dotada de objetividade fria, compulsiva, e uma atitude tranqüila que disfarçava bem uma pancada extrema-

mente violenta. Esse era, para eles, o perfil do adolescente que em 1965 desembarcou em Brasília ostentando a faixa roxa de caratê e se tornaria um dos líderes das turmas que nos anos 60 mandavam nas superquadras de Brasília. “No tatame ele tinha uma capacidade de dissimulação muito grande, mas não se pode dizer que fosse um lutador desleal”, lembra Antônio Flávio Testa, 5º dan e membro da Federação Brasileira de Karatê. “Era mais ou menos essa figura contraditória que conhecemos na política”, completa. Até hoje Collor diz ter moldado

sua personalidade naqueles anos de lutador

### CONTRADIÇÕES

Collor já era da “geração Gérson”, aquela que gosta de levar vantagem em tudo, antes de criada essa imagem. E estava bem amparado para isto no seu 1,80m, rosto de galã da TV Globo rico e temido pela eficiência com que empregava uma combinação de chute de frente e soco. Foi com essa eficiência, contam os nostálgicos “meninos maus” da época, que ele teria arrasado a boate Kako, um dos poucos lugares que os “filhi-

nhos de papai” tinham para se divertir em Brasília.

Na sua equipe de campanha ele é tido como uma pessoa rigorosa, educada, tranqüila. Nas contradições que povoam sua vida, ele tem o contraponto para todas essas qualidades. Polidez, educação e tranqüilidade ele pode esquecer no momento em que lhe lembram algumas das várias acusações que o adversário Leonel Brizola, do PDT, faz rotineiramente. Mas em geral se contém e guarda a raiva para um troco futuro.

Formado em Comunicações e Economia, ele tem no seu cur-

riculo a fluência em francês, inglês, italiano e espanhol, línguas que exercitou na última viagem à Europa. Tudo seria fruto de uma educação rigorosa em família, na qual se procurava fazer conviver arte, história e literatura. Mas tudo pode ruir quando numa resposta por escrito ele embaralha as datas da proclamação da República e da Independência.

### TROCA DE FAIXA

Muitas histórias sobre Collor surgiram, depois que ele começou a despontar nas pesquisas. O apartamento da 208 Sul que o senador Arnon de Mello ocupava é apresentado como um local de muita festa, com tudo a que a juventude bem-nascida tinha direito. Era o maior apartamento de Brasília, feito sob medida para o então cassado Juscelino Kubitschek, com nada menos de oito quartos e até um mordomo.

As festas que reuniam, entre outros, o então inexpressivo corretor de imóveis Paulo Octávio, hoje assessor do candidato e um dos maiores incorporadores imobiliários de Brasília, e o fiscal da Novacap Sérgio Naya, que corta hoje os céus do Brasil em aviões e helicópteros próprios.

Vinte e quatro anos e dois casamentos depois, Fernando Collor retorna a Brasília com a intenção de trocar sua faixa roxa de carateca, estágio em que abandonou as competições, pela verde e amarela da Presidência da República.



Com a mulher, Rosane, e com o apresentador Silvio Santos: cuidado com a imagem

AE